

Recebido em 22/03/2024 e aprovado em 17/09/2024

YAŚODHARĀ, A ESPOSA DO BUDA

Nirvana de Oliveira Moraes Galvão de França¹

Resumo: Siddhārtha Gautama, aquele que viria a se tornar o Buda, viveu cercado de mulheres. Perdeu sua mãe ainda recém-nascido, em seu tempo no palácio, e foi criado por sua madrasta Mahāprajāpatī Gotamī. Casou-se aos dezesseis anos com Yaśodharā, com quem teve um filho. Mas a história dessas mulheres foi apagada ao longo dos vinte e cinco séculos de existência do budismo. O objetivo do presente artigo é apresentar a história de Yaśodharā. Para que isso seja possível, foi realizada pesquisa bibliográfica e documental nos textos canônicos. Também foi apresentado um breve excerto de seu Therīpadāna, se mostra sua importância como uma líder no caminho para a Libertação das mulheres.

Palavras-chave: Budismo. Yaśodharā. Mulheres budistas.

YAŚODHARĀ, THE WIFE OF THE BUDDHA

Abstract: Siddhartha Gautama, who would become the Buddha, lived surrounded by women. He lost his mother as a newborn, in his time in the palace, and was raised by his stepmother Mahāprajāpatī Gotamī. He was married at sixteen to Yaśodharā, with whom he had a son. However, the long history of these women was erased during the twenty-five centuries of Buddhism's existence. The purpose of this article is to present the story of Yaśodharā. For this to be possible, bibliographic and documentary (sutta) research was carried out. A brief excerpt from his Therīpadāna was also presented, showing his importance as a leader on the path to women's Liberation.

Keywords: Buddhism. Yaśodharā. Buddhist women.

YAŚODHARĀ, LA ESPOSA DEL BUDA

Resumen: Siddhārtha Gautama, quien llegaría a ser el Buda, vivió rodeado de mujeres. Perdió a su madre cuando era un recién nacido, en su tiempo en el palácio, y fue criado por su madrastra Mahāprajāpatī Gotamī. Se casó a los dieciséis años con Yaśodharā, con quien tuvo un hijo. Pero la historia de estas mujeres fue borrada a lo largo de los veinticinco siglos de existencia del budismo. El objetivo del presente artículo es presentar la historia de Yaśodharā. Para ello, se realizó una investigación bibliográfica y documental. También se presentó un breve extracto de su Therīpadāna, donde se muestra su importancia como líder en el camino hacia la Liberación de las mujeres.

Palabras clave: Budismo. Yaśodharā. Mujeres budistas.

1. Introdução

O título do presente artigo pode levar a questionamentos. O Buda não era celibatário? Como ele tinha uma esposa? Cabe começar esclarecendo tais questões².

Siddhārtha Gautama, aquele que, após realizar a iluminação³, se tornaria o Buda, foi um príncipe de um pequeno reino de Kapilavastu, na Índia, por volta do século V a.C. Antes de sair em busca das respostas, realizar as austeridades, desistir delas e realizar o caminho, ele viveu como um príncipe⁴. Como tal, Siddhārtha foi educado para assumir um cargo de liderança junto ao seu povo, casou-se e teve um filho, Rahula (HUAI-CHIN, 2019).

De forma resumida, Siddhārtha é exposto aos sofrimentos da vida, adoecimento, envelhecimento e morte, e descobre a existência dos *śramanas*⁵. Essa contemplação da necessidade de buscar solução aos sofrimentos alcançam seu ápice com o nascimento de seu filho, Rahula. Siddhārtha deixa o lar, a esposa e o filho e se torna um *śramana*. Após sua iluminação, ele retorna para sua antiga casa para ensinar seus pais, filho e esposa.

Mas o foco do presente trabalho não é sobre a vida do Buda, mas sobre sua “esposa”.

Nas histórias da vida do Buda, há várias mulheres que desempenham papéis importantes, incluindo sua mulher Yaśodharā, retratada como uma esposa indiana modelo que lhe deu um filho e permaneceu fiel a ele [Buda] mesmo depois que ele a abandonou para seguir a vida religiosa. Na Disciplina Monástica da Escola Original Tudo Existe (Mūlasarvāstivāda-vinaya), a fecundação de Yaśodharā o certificou como um homem viril e evitou futuras perguntas sobre este tópico depois que ele fundou uma ordem ascética que exigia estrito celibato de seus membros. O autocontrole exigido de um monge seria minado se o Buda fosse assexual ou eunuco (POWERS, 2011, p. 430, tradução minha).

A visão sobre a importância da mulher no budismo dissipou-se de tal forma que o apagamento dela ocorreu. A cultura védica, que era a religião majoritária na época do Buda, era de uma estrutura de castas, onde o

renascimento feminino era tido como desafortunado. Chorava-se mais pela perda de uma vaca do que pela morte de uma filha (FRANÇA, 2020).

Mas as mulheres lutaram, batalharam e fundaram a comunidade monástica feminina. Seus feitos não foram completamente obscurecidos, o tempo e o patriarcado não foram capazes de apagar nem os versos das epifanias de plena iluminação delas, registrados no *Theṛīgāthā*⁶, nem suas hagiografias⁷ poéticas do *Theṛīpadāna*⁸. Diz-se que esses textos começaram a ser compostos no tempo do próprio Buda, mas foram complementados depois com mais versos.

Preservados junto aos textos canônicos, tais relatos ganham um “*status*” de “divino”, porque atribui-se a Buda a autoria dos relatos. Mas um estudo crítico suscita evidências de possíveis corrupções em alguns desses textos. É o caso da pesquisa de mestrado de França (2020), que levanta suspeitas no *Sutta*⁹ de fundação da comunidade feminina.

Pode-se argumentar que a falta de simpatia budista pelas mulheres não é um fenômeno único, mas sim que era típico do sentimento monástico em todo o mundo. Também é típico do ambiente social do século VI a.C., apesar da presença de uma personalidade progressista excepcional, como Ananda. As declarações antimulheres que se encontram na antiga literatura budista indiana são uma interpolação na palavra original do Buda (*Budavacana*) pela elite monástica cuja, atitude em relação às mulheres foi moldada, pelo menos em parte, pelos vários desenvolvimentos históricos (DIXIT, 2016, p. 45-46, tradução minha).

Dessa maneira, urge contestar tais visões. Dar voz às mulheres não é simplesmente admitir sua existência. É inegável que as mulheres existem, a vida não existe sem o feminino que a gera. Contudo, elas são guardadas, restritas, tolhidas, escondidas. Limitadas à vida privada, não são registradas suas contribuições e é necessário levantar-se para, por que não, escavar as pistas que não foram apagadas e reconstruir suas histórias.

Rita Gross (2005) diz que faltam às mulheres modelos femininos a serem seguidos, dessa maneira, o que deve ser feito?

No contexto da crítica literária ou interpretações textuais, as revisões feministas tendem a ser discutidas com foco em “neutralizar”, “desafiar” ou “perturbar” o viés patriarcal, destacando a autonomia das personagens femininas, sua voz e outros meios pelos quais o paradigma patriarcal é desafiado (WADHWA, 2021, p. 1, tradução minha).

Desafiar os paradigmas não é deixar de observar os desafios impostos a cada época. Ter um renascimento feminino é considerado desafortunado pois, tem em seu bojo questões como o sofrimento da maternidade. Para gerar uma vida, a mulher experimenta transformações em seu corpo, muitas delas desagradáveis. A dor do parto é tida como uma das maiores que o ser humano pode experimentar. Isso é sofrimento. Está na definição de sofrimento apresentada no *dhammacakkapavatanasutta*¹⁰, “dor é sofrimento”.

Quando se fala do sofrimento das mulheres, faz-se referência ao *Āveṇikadukkhasutta*¹¹ (ĀVEṆIKADUKKHASUTTA, 2005; CHINAGLIA; BELUZZI, 2024) Contudo, das cinco condições pelas quais o renascimento feminino seria desafortunado, duas são sociais. Ou seja, podem ser evitadas, pois são construções e limitações impostas. A mulher deixar seu lar para servir ao marido e as limitações da sua posição social precisam ser objeto de discussão.

Pedinte mulher; sua busca pela Libertação e sua representação na filosofia budista precisa de uma análise conceitual clara. Não é de surpreender que os primeiros budistas, incluindo as próprias mulheres, tivessem visto o fardo da mulher como difícil, que eles tivessem considerado um nascimento infeliz e certamente a ser evitado, se possível. Por qualquer padrão objetivo era uma vida mais restritiva, comparada com a liberdade social permitida aos homens. Buda era um grande reformador social, que acreditava na igualdade dos seres humanos e dos sexos (DIXIT, 2016, p. 45, tradução minha).

É preciso discutir quem foram as mulheres que viveram ao redor daquele que se tornou o Buda. Alguma luz recai sobre sua madrasta, Mahāprajāpatī. Atribui-se a ela a luta e o esforço para fundar a comunidade monástica feminina. Mas nem todos concordam com essa posição, não desmerecendo o papel dela na *saṃgha*¹² feminina. Mahāprajāpatī é descrita como a mãe de todas as monjas. Seus versos no *Theṛīpadāna* evocam um exemplo de que a Libertação das mulheres é possível, porque ela demonstra, antes da sua

morte, a plena iluminação. E não apenas isso, tal ato provoca o rompimento das barreiras que prendem ao *samsāra* mais quinhentas mulheres. Contudo,

Uma boa dose de incerteza envolve a fundação real da ordem budista das mulheres pedintes de esmola, e seus primórdios são envoltos em névoas. É possível que Mahapajapati chegada tarde na Ordem, depois que seu marido morreu, e que a mulher que realmente fez a Ordem aberta para as mulheres foi Yasodhara, possivelmente a ex-esposa de Gotama¹³, que em seu verso no Apadana é dito representar muitas mulheres e ela mesma. Isso é mera suposição. Mas no Vinaya a mulher chamada Mahapajapati é representada como a líder das mulheres. Seja qual for, suas muitas tentativas e fracassos para conquistar o desejo de seu coração testemunham sua determinação, nada menos do que a urgência da necessidade que a levou (DIXIT, 2016, p. 50, tradução minha).

Quem é, então, a ex-mulher do Buda? Pouco se fala dela, por isso se faz necessário lhe dar voz. No Buddhacarita¹⁴, de Ashvagoshā¹⁵, suas aparições são esporádicas. Tratou-se um casamento arranjado entre primos, cujos pais eram reis de reinos vizinhos. Mas Dixit (2016), ao contar sobre o episódio do casamento, já nos apresenta uma mulher forte. Seu pai desejava verificar a virilidade de seu futuro marido e, por isso, o pretendente deveria conquistar sua mão em torneio. Ela se opõe à proposta porque não aceita ser objetificada nem tratada como um troféu.

Essa mulher,

Além de ser a mãe de Rahula, Yasodhara também desencadeia os eventos que resultam na indução de Rahula à sangha, enviando-o a seu pai para sua “herança”. Uma família, mesmo uma família espiritual, não pode existir sem uma mãe. Yasodhara é essa mãe; ela é geradora e libertadora (COHEN, 2000, p. 24, tradução minha).

Como podemos resumir seu papel e sua história, se muitas tentativas de seu apagamento ocorreram? Como em muitas oportunidades, Sandra Duarte de Souza ensinou a história das mulheres que está guardada nas caixinhas (SOUZA, 2022). Nós precisamos abrir essas caixas e contar, registrar, e por que não, reescrever a história, reconhecendo a importância dessas protagonistas.

A citação que segue é longa, mas traz os principais elementos do papel de Yaśodharā. Se falamos do protagonismo e do obscurecimento, não podemos deixar de atribuir o esforço de quem corrobora para que essa história seja registrada, assim,

Yaśodharā (também Yasodhara) é conhecida por ser a esposa de Buda Gautama. A lenda (que beira outras formas de narrativas como mitologia, história e hagiografia) do Buda é bem conhecida. O rei de Kapilavastu (também Kapilavattu) começa a saber que seu filho, que se chama Siddhārtha (ou Siddhattha) se tornaria um rei supremo ou um líder espiritual supremo. O rei não quer que seu filho se torne o último [líder espiritual]; assim, ele mantém seu filho protegido das duras realidades da vida: sofrimento, velhice, doença e morte. Mas Siddhārtha descobre isso por conta própria e quando o faz, ele decide sair em busca de uma solução para essas realidades, ou causas de sofrimento, como ele as vê. Anos e anos de busca levam-no para a Iluminação que ele revela ao mundo como Quatro Nobres Verdades e o Caminho das Oito Partes para os indivíduos seguirem. Assim se origina o budismo, que passa a se espalhar na Ásia e, de lá, para o resto do mundo. Yaśodharā continua menos do que uma nota de rodapé no imaginário popular que surge desta lenda. E Ela aparece brevemente, dormindo, quando Siddhartha para dar uma última olhada nela e em seu filho recém-nascido antes de partir para sempre; ela é conhecida por estar dormindo naquele momento. Ela reaparece duas vezes na história do Buda: uma vez quando o Buda retorna ao palácio após 7 anos para levar seu filho para compartilhar sua “herança”, o legado do Buda, com ele, e novamente quando ela é mencionada como uma das mulheres que Buda aceitou na *Sangha*, ordenando-as. Diz-se também que ela se tornou uma *arahat*¹⁶, o equivalente feminino do Buda, através de sua prática de meditação e seguindo o caminho de Buda (WADHWA, 2021, p. 4, tradução minha).

Para uma citação, em um artigo, essas palavras são longas, mas para descrever toda a jornada de uma mulher, que alcança o Despertar, são poucas. É preciso investigar o que mais sabemos sobre ela. Buscar em fontes contemporâneas e antigas.

A apresentação de Ambedkar¹⁷ da esposa de Siddhartha, tanto no tempo antes de sua decisão de tomar *parivrājā*¹⁸, onde ela é retratada como uma companheira de apoio, quanto após seu retorno, quando ela o castiga por sua ausência, bem como pela maneira como sua madrasta

inicialmente resiste à sua decisão de sair de casa, mas eventualmente dá sua bênção. [...] A esposa de Siddhartha, Yaśodharā, responde à notícia da decisão de seu marido de partir não com lágrimas e tristeza, mas com força (LOFTUS, 2021, p. 278, tradução minha).

Novelas, romances e contos mostram Yaśodharā como uma mulher triste, que foi abandonada pelo marido, com um recém-nascido em seus braços. Decerto que a incumbência de criar sozinha o filho, de fato, constitui em um fardo. Contudo, não podemos deixar de lembrar que ela foi uma princesa, mãe do filho do herdeiro do trono, portanto, considerar que ela estava sozinha na criação da Rahula, não parece coerente com o que deve ter acontecido. Quando pensamos numa mulher sem seu marido e um bebê recém-nascido, imediatamente lembramos do abandono masculino, recorrente, não só em nosso país, como em muitos lugares do mundo. Essas mulheres não têm o apoio que Yaśodharā teve. Tal apoio, entretanto, não deve apagar suas lutas.

A respeito do evento, no qual Siddhārtha deixa a casa em sua jornada, Loftus, citando Ambedkar, diz:

Com total controle sobre suas emoções, ela respondeu: “O que mais eu poderia ter feito se estivesse no seu lugar? Eu certamente não teria participado de uma guerra contra os Koliyas. Sua decisão é a decisão certa. Você tem meu consentimento e meu apoio. Eu também teria partido para Parivraja com você. Se não, é só porque tenho Rahula para cuidar. Eu gostaria que não tivesse chegado a isso. Mas devemos ser ousados e corajosos e enfrentar a situação...” (AMBEDKAR et al., 2011, p. 23, *apud* LOFTUS, 2021, p. 278).

É preciso nos despir de nossos próprios conceitos e projeções para olhar a história de Yaśodharā. Como já dito, tendemos a projetar um abandono e sofrimento da mulher em seu puerpério que não conta com o apoio do pai da criança, porque pensamos na realidade que nos cerca no dia a dia. Contudo, a visão que esses autores e autoras propõem é de um protagonismo nessa partida, e não de um abandono. A mudança de paradigma é radical, porque segundo essa interpretação, Siddhārtha não abandona a esposa, ela pede que ele vá, para que ele volte e liberte as mulheres da opressão que elas sofrem na sociedade indiana da época.

Ela não se vê necessariamente como “oprimida” ou “marginalizada”. Além disso, não há vilões envolvidos na história - ninguém convence Siddhartha a sair. Sua história não é animada pela presença de um antagonista [...]. Essa talvez seja a razão pela qual as releituras de sua história são mais difíceis de encontrar: a dela não é uma história no sentido narralógico (WADHWA, 2021, p. 3, tradução minha).

Pouco, ou nada, se fala dessa personagem na história do budismo. São difíceis de encontrar relatos, descrições. O que possuímos são meras citações marginais que falam de sua existência. Contudo, como podemos conhecer em seu *Apadāna*, nos excertos selecionados, temos uma mulher determinada, forte e que desempenha um papel importante na comunidade feminina, pois a ela não é dedicado um *Apadāna*, mas dois. No primeiro é descrita sua história e sua Libertação. No segundo, seu papel como líder e professora, que inspirou e guiou muitas para alcançarem o mesmo caminho. Curiosamente, ela não é citada no *Therīgāthā*.

Cada uma dessas perspectivas emergindo dos textos hagiográficos imagina Yasodhara como um indivíduo poderoso em seu próprio direito: seja como espiritualmente igual ao Buda, ocupada com uma busca espiritual própria, ou como alguém assertiva sobre seu ponto de vista, como uma mulher injustiçada. Essas tradições a definiram de diferentes maneiras para combater o silêncio ao seu redor no cânone maior (WADHWA, 2021, p. 5, tradução minha).

Mas por que esse apagamento? Teria sido por sua própria vontade? Como em excertos que já foram previamente citados, ela diz ao marido para que parta em sua busca, mas que apague de sua mente, e conseqüentemente da história, sua existência. São questões difíceis de se obter resposta, Wadhawa¹⁹ descrevendo o que poderia ser um diálogo da própria Yaśodharā diz:

É apenas Siddhartha que me considera um ser intelectual companheiro. Ele valoriza meus pensamentos, outros não. Para a maioria, as mulheres não têm lugar no mundo intelectual. Enquanto as mulheres fecharem as janelas de suas mentes e limitarem-se ao trabalho doméstico, elas são bem honradas. Mas no momento em que abrem as janelas, são tidas como loucas e são forçadas ao silêncio. Como as mulheres podem ganhar um lugar na sociedade como seres intelectuais? Quem

vai deixá-las entrar? Talvez só Siddhartha possa oferecer refúgio a elas. Mas a este respeito, as pessoas não ouvirão, mesmo que Siddhartha tente convencê-las. Para convencer as pessoas, ele deve ter essa convicção em si mesmo primeiro... primeiro ele deve subir à mais alta estima da sociedade... ele deve conquistar os corações de todas as pessoas, reis e mendigos. Isso só será possível quando sua busca espiritual se tornar frutífera. Ele deve encontrar a verdade definitiva que ninguém descobriu até agora (WADHWA, 2021, p. 6, tradução minha).

Yaśodharā sabe que seu papel na sociedade é limitado, sua consciência da condição da mulher a faz, em uma atitude altruísta, em prol da liberdade de todas, apagar-se. Ao silenciar sua voz, ela reverbera e ecoa pelo direito para todas. Trazer seu papel de protagonista à tona é

um momento que muda radicalmente a maneira como devemos percebê-la. Começamos a vê-la como um indivíduo que está planejando fazer algo para elevar as mulheres como um todo; ela não é uma mulher de quem ter pena. Ao definir suas ambições para Siddhartha, ela se torna uma agente de sua budeidade. Ela também é a única a ordenar que ele saia depois de sete dias do nascimento de Rahula. Eventualmente, ela também será a única a pedir à sua sogra para ir ao Buda e pedir que as mulheres sejam permitidas na ordem (WADHWA, 2021, p. 7, tradução minha).

Nas palavras de Wadhawa, as fortes instruções de Yaśodharā a colocam à margem dos eventos. Nota-se seu protagonismo quando ela ordena ao seu marido:

Quando você sair, Yaśodharā deve ser apagada completamente de sua memória. Você nunca deve mencionar meu nome, meus pensamentos e meu consentimento para sua ida. Tudo deve ficar restrito a nós... Você sabe bem que tipo de importância é dada às mulheres em nossa sociedade. É impossível para uma mulher romper com todos os laços e ir em busca da verdade. Mas você descobriu o caminho para a libertação da humanidade, deixe esse caminho aberto para as mulheres também. Só assim será possível que as mulheres sejam liberadas (WADHWA, 2021, p. 7, tradução minha).

Resumindo os acontecimentos, Wadhwa evidencia as questões do apagamento, marginalidade, sofrimento e desamparo. O protagonismo de Yaśodharā, que a leva ao autoapagamento, a coloca numa posição de grande líder, de uma mulher que representa, em si, muitas.

Ela planejou a jornada de Buda para a espiritualidade para que as mulheres também possam encontrar maneiras de desfrutar da liberdade intelectual quando Buda abre a porta e a jornada para a verdade. Sua história não é de apagamento, mas de autoapagamento para o bem coletivo. Essa autoeliminação é um meio para alcançar a independência das mulheres em geral a partir da ideia de que o intelectualismo das mulheres é loucura. Yashodhara decide desaparecer da cena se puder ajudar as mulheres como um coletivo (WADHWA, 2021, p. 7, tradução minha).

No registro considerado como mais importante na hagiografia das mulheres, o Therīpadāna traz suas palavras para que as mulheres budistas, ou não, na atualidade, tenham voz e sejam fonte de inspiração. Por isso, na próxima seção, traremos trechos selecionados da poesia. Optou-se por não trazê-lo na íntegra, porque seria demasiadamente longo.

2. Therīpadāna

Os versos que contam a história de Yaśodharā ocupam o bloco de número 28 no Therīpadāna, que é composto por 77 stanza (blocos de texto) e é denominado Yaśodharā. Walter (WALTER, 2018) numerou tais blocos, unindo todo Apadāna, de tal forma que os versos de Yaśodharā se iniciam no 952. Primeiramente, dá-se a conhecer o significado de Yaśodharā, que é uma palavra sânscrita composta pela aglutinação de *yasa* “glória, esplendor” + *dhara* “suportar”, da raiz verbal *√dhri* “suportar, apoiar”. Ou seja, aquela que suporta com glória e esplendor.

Das 77 stanzas, foram escolhidas cinco para este estudo. Essas cinco demonstram a grandiosidade dessa mulher que, por meio do seu autoapagamento, libertou inúmeras mulheres, da sua geração e das futuras, reverberando até hoje.

Homenageada por cem mil
monjas, [a monja chamada Yasodharā,
grandemente poderosa, grandemente sábia,
[então] subiu ao Sambuddha.²⁰ (WALTERS, 2017, p. 1118,
tradução minha)

Os próximos dois *apadhanas* abordam a questão das mulheres que Yasodara inspirou e guiou, por isso, este aqui faz referência a todas elas. *Sambuddha* é um epíteto atribuído ao Buda Shakyamuni, que significa “perfeitamente despertado”, porque, além de ele ter se “despertado”, ele também se torna professor.

Dos primeiros versos, nos quais se incluem o anterior e o próximo, é um terceiro que introduz a história. Os adjetivos de “poderosa” e “sábica” tornam-se evidentes em versos posteriores, porque ela demonstra suas habilidades. Contudo, no último verso, escolhido para essa seleção, ela irá apresentar uma das características que já permite chamá-la de poderosa e sábica.

Tendo adorado o *Sambuddha*,
na roda marcada [solas de seus pés],
sentado ao lado [dele,]
ela disse estas palavras ao Mestre:²¹ (WALTERS, 2017, p. 1118,
tradução minha)

Colocar-se aos pés de alguém, na cultura indiana, era (e ainda é) um importante sinal de respeito. Isso demonstra que mesmo diante de seu protagonismo, ela respeita os feitos do Buda e lhe presta as devidas homenagens. A questão citada da roda em seus pés faz referência à ideia de que Siddhārtha já teria nascido “destinado” a realizar o que fez, uma vez que ele já nasce com as marcas daquele que se tornaria um Buda, e a roda nos pés é uma dessas marcas.

Após sua apresentação, Yaśodharā assume a palavra e então começa a falar.

“Estou com setenta e oito anos agora,
o último da velhice chegou;
Estou relatando ao Grande Sábico:
Eu alcancei [santidade] em uma caverna.²² (WALTERS, 2017, p.
1118, tradução minha.)

Santidade foi a palavra escolhida pelo tradutor do pāli, Walters, para descrever o estado que ela alcançou. Em que pese a tentativa de diálogo com o que chamamos de Ocidente, cuja cultura e linguagem é fortemente

influenciada pelo cristianismo, o estado de santidade pode ser entendido pelas palavras do Papa Francisco:

Não me deterei a explicar os meios de santificação que já conhecemos: os diferentes métodos de oração, os sacramentos inestimáveis da Eucaristia e da Reconciliação, a oferta de sacrifícios, as várias formas de devoção, a direção espiritual e muitos outros (BERGÓGLIO, 2018, §110).

Arahant, do Pali “aquele que é digno”, é utilizado no budismo para definir uma pessoa que alcançou um *insight* sobre a verdadeira natureza da existência e alcançou o *nibbana* (Libertação). Dessa maneira, vemos que a tentativa de paralelo com a santidade limita-se à questão do distanciamento entre as “pessoas comuns” e aqueles que se aproximam da finalidade soteriológica.

Yasodharā continua,

A velhice amadureceu para mim [agora];
em verdade, minha vida é uma ninharia.
Desistindo de tudo eu irei:
meu refúgio é feito em mim mesma.²³ (WALTERS, 2017, p. 1118,
tradução minha)

Ela declara ser seu próprio refúgio, porque ela expressa (em seguida) ter alcançado a Libertação. Dessa maneira, o refúgio budista, determinado pela fé nas três joias, Buda, *Dharma*, *Saṃgha*, são, então, convertidas nela mesma, porque ela se torna uma Buda, realiza os ensinamentos da Doutrina e torna-se a representante da comunidade. Ela abandona o refúgio, não por ingratidão, mas porque ela segue os ensinamentos do Buda, dados no

“Mendicantes, vou ensinar-lhes como o Dhamma é semelhante a uma jangada: é para atravessar, não para segurar. Ouça e preste bem atenção, eu vou falar.”

“Sim, senhor”, eles responderam. O Buda disse isso:

“Suponha que houvesse uma pessoa viajando pela estrada. Eles veriam um grande dilúvio, cuja margem próxima era duvidosa e perigosa, enquanto a margem distante era um santuário livre de perigos. Mas não havia balsa ou ponte para a travessia. Eles pensariam: “Por que eu não pego grama, gravetos, galhos e folhas e faço uma jangada? Montando na jangada e remando com as mãos e os pés, posso chegar com segurança à margem oposta”. E eles fariam exatamente isso. E quando eles cruzavam

para a margem oposta, eles pensavam: “Esta jangada tem sido muito útil para mim. Montando na jangada e remando com as mãos e os pés, atravessei com segurança até a margem oposta. Por que não o coloco na cabeça ou coloco no ombro e vou para onde quiser?”

O que vocês acham, mendigos? Essa pessoa estaria fazendo o que deveria ser feito com aquela jangada?”

“Não senhor”.

“E o que, mendigos, essa pessoa deve fazer com a jangada? Ao cruzarem, deveriam pensar: “Esta jangada me ajudou muito. ... Por que não a encaixo em terra firme ou a deixo à deriva na água e vou para onde eu quiser?” Isso é o que essa pessoa deve fazer com a jangada.

Da mesma forma, ensinei como o ensinamento é semelhante a uma jangada: é para atravessar, não para segurar. Ao compreender o símile da jangada, você desistirá até dos ensinamentos, muito menos do que é contra os ensinamentos” (SUJATO, 2018, s.p., tradução minha).

Prosseguindo em sua proclamação, Yaśodharā diz:

Nos últimos dias da velhice,
a morte quebra [o corpo em pedaços];
hoje à noite, Grande Herói,
Eu alcançarei meu nirvana.²⁴ (WALTERS, 2017, p. 1118, tradução
minha)

Encerrando o trecho selecionado, ela então fala do sofrimento da velhice. Esse sofrimento assola a todos e todas, o corpo na velhice se degenera, não mais desempenha suas funções corretamente, muitas vezes surgem dores e desconfortos, isso é descrito pela quebra do corpo em pedaços.

Uma noite Yaśodharā veio ao Buda e disse: “Esta noite eu vou morrer”. Ela veio agradecer-lhe por lhe mostrar o caminho. Ela disse ao homem que já foi seu marido e se tornou seu professor: “Sou meu próprio refúgio”. Então ela precedeu seu marido no reino imortal (KRAMER, 2010, p. 10, tradução minha).

O apogeu de sua declaração está na afirmação de que ela alcançou o nirvana. Por que essa declaração é tão importante?

A habilidade onividente de Yaśodharā de discernir por si mesma as circunstâncias de seu falecimento final, um dos seis conhecimentos especiais (*chai-abhinnil*) que estão entre os atributos dos *arahants*, sinalizados no refrão universal do Apadana, exemplifica essa independência de seu marido. Ela não precisa depender dele para prever isso, mas prevê por si mesma (WALTERS, 2014, p. 188, tradução minha).

Evidencia-se, com a própria fala de Yaśodharā seu protagonismo, porque ela autodeclara sua Libertação.

3. Palavras finais

Os registros da vida dessa mulher, Yaśodharā, citada apenas marginalmente como a “esposa do Buda”, são escassos. Aquela que foi abandonada com o filho recém-nascido, para que Buda pudesse realizar sua Libertação e então ensiná-la ao mundo. Enfrentamos uma reviravolta no prisma de leitura entre a visão de mulher abandonada, sofrida, triste, rancorosa, descrita em alguns textos, com a nossa projeção pessoal de como deve ser o sentimento de uma mulher, que se encontra sozinha no puerpério.

Yaśodharā, pelo seu protagonismo, escolhe e pede o autoapagamento para que isso se reverta na Libertação de todas as mulheres. Ela reconhece a situação da mulher em seu tempo e como sozinha, por seus próprios esforços, devido à estrutura social e religiosa de seu tempo, ela não conseguiria. Então, ela, assumindo um protagonismo esquecido, articula para que as mulheres possam desfrutar da Libertação, que pode ser alcançada se Siddhārtha realizar a própria Libertação, se tornar professor de deuses e homens e, então, com o prestígio conquistado, abrir o caminho para as mulheres. Como de fato acontece, anos após o início da sua Iluminação, com a fundação da comunidade monástica feminina.

REFERÊNCIAS

- Āveṇikadukkhassutta**, Mahāsaṅgīti Tipiṭaka Buddhavasse 2500, Austrália, SuttaCentral, 2005. Disponível em: <https://suttacentral.net/sn37.3/pli/ms?lang=en&layout=plain&reference=none¬es=asterisk&highlight=false&script=latin>. Acesso em 1 out. 2024.
- BERGÓGLIO, Papa Francisco. **Exortação apostólica, Gaudete et exultare**: sobre o chamado à santidade no mundo atual. Roma: Vaticano, 2018. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/document_s/papa-francesco_esortazione-ap_20180319_gaudete-et-exultate.html#Cap%C3%ADtulo_IV. Acesso em: 10 jun. 2022.
- CHINAGLIA, Magda; BELUZZI, Ethel. Uma reflexão sobre as desigualdades de gênero a partir da perspectiva do sūtrā budista Āveṇikadukkhassutta - Os cinco sofrimentos particulares das mulheres . **Mandrágora**, S. l., v. 30, n. 1, p. 49-73, 2024. Disponível em: <https://revistas.metodista.br/index.php/mandragora/article/view/251>. Acesso em: 1 out. 2024.
- COHEN, Richard S. Kinsmen of the Son: Śākyabhikṣus and the Institutionalization of the Bodhisattva Ideal. **History of Religions**, v. 40, n. 1, 2000. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/3176511>. Acesso em: 4 jun. 2022.
- DIXIT, Shailini. Female Mendicant in buddhist philosophy – A quest for liberation. **Proceedings of the Indian History Congress**, v. 77, n. 1, p. 45-54, 2016. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/26552622>. Acesso em: 4 jun. 2022.
- FRANÇA, Nirvana de Oliveira Moraes Galvão de. **GURUDHARMAS**: Processos de construção e corrupção do cânon referente às obrigações de monjas budistas iniciantes. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo. 2020. Disponível em: <http://tede.metodista.br/jspui/bitstream/tede/2082/2/Nirvana%20Nirvana%20-%20final.pdf>. Acesso em: 4 jun. 2022.
- GROSS, Rita M., et al. Mulheres Budistas como líderes e professoras. **Estudos Feministas**, v. 13, n. 2, p. 415-423, 2005. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/43596725>. Acesso em: 12 jun. 2022.
- HUAI-CHIN, Nam. **Breve história do budismo e do zen**. São Paulo: Gryphus, 2019.

- KRAMER, Jacqueline. **Yasodhara and Siddhartha the Enlightenment of Buddha's Wife**. No City Turning Well, 2010. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20140812220410/http://www.bhikkhuni.net/wp-content/uploads/2014/06/yasodhara.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2022.
- LOFTUS, Timothy. Ambedkar and the Buddha's Saṅgha: A Ground for Buddhist Ethics. **CASTE: A Global Journal on Social Exclusion**, v. 2, n. 2, p. 265-280, 2021. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/48645681>. Acesso em: 10 jun. 2022.
- POWERS, John. Gender and virtue in Indian Buddhism. **CrossCurrents**, v. 61, n. 4, p. 428-440, 2011. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/24461901>. Acesso em: 4 jun. 2022.
- SOUZA, Sandra Duarte de. **Notas de aula**. Programa de Pós Graduação em Ciências da Religião. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2022.
- SUJATO, Bhikkhu. **Alagaddūpamasutta, The simile of the snake**. Australia: Sutta Central, 2018. Disponível em: https://suttacentral.net/mn22/en/sujato?layout=none&reference=none¬e_s=undefined&highlight=undefined&script=latin. Acesso em: 11 jun. 2022.
- WADHWA, Soni. Feminist Literary Criticism Meets Feminist Theology: Yashodhara and the Rise of Hagiographical Fiction in Modern Feminist Re-visioning. **SAGE Open**, S. I., v. 11, n. 4, p. 1-11, out./dez. 2021. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/home/sgo>. Acesso em: 11 jun. 2022.
- WALTERS, Jonathan S. Apadana: Therī-apadāna Wives of the saints: marriage and kamma in the path to arahantship. In: COLLETT, Alice. **Women in early Indian Buddhism: comparative textual studies**. Oxford: Oxford University Press, 2014.
- WALTERS, Jonathan S. **Legends of the Buddhist Saints Apadānapāli**. Walla Walla: Whitman College, 2018. Disponível em: <http://apadanatranslation.org/>. Acesso em: 10 mar. 2022.

NOTAS

¹ Doutoranda em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo. Mestra em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo. Mestranda em Master and Arts in Buddhist Studies pela University of Kelaniya – Buddha-Dharma Center Hong Kong. Graduada em Pali Buddhist Studies pela University of Kelaniya – Buddha-Dharma Center Hong Kong. Bacharel em direito pela Universidade Salesiana – UNISAL. Bacharel em Teologia Budista pelo Instituto Pramāṇa. Professora no Instituto Pramāṇa. Contato: nirvanaf Franca@gmail.com

² Na elaboração do texto, utilizamos o Pāli ou Sânscrito romanizado, com os respectivos diacríticos, contudo, alguns autores ou autoras não fazem uso dos mesmos, suprimindo os diacríticos, podendo ou não, inserir a letra "h" em seu lugar. No caso, nas citações, foi respeitada a grafia utilizada pelo autor ou autora.

³ Iluminação ou *nirvana*, é um conceito no budismo que descreve o estado de libertação do ciclo de renascimentos e sofrimentos (*samsāra*).

⁴ O objetivo do presente trabalho não é explorar a vida do Buda, existem diversas obras que podem ser recomendadas para conhecer essa história, como é o caso da obra de Hui-Chin (2019).

⁵ *Śramanas* eram ascetas itinerantes da Índia no tempo do Buda que renunciaram à vida secular e aos rituais védicos em busca de libertação espiritual. Constituíam um movimento diversificado que incluía várias seitas e filosofias.

⁶ *Therīgāthā*, ou 'Versos das Anciãs', é uma coleção de poemas no Cânone Pāli que contém as expressões de iluminação e experiências espirituais de mulheres *arahants* (Despertas), as primeiras monjas budistas. Este texto é notável por ser uma das primeiras obras conhecidas no mundo composta por mulheres, destacando seus insights e contribuições à prática budista.

⁷ Hagiografia refere-se ao estudo e composição de biografias de santos/as e figuras religiosas veneradas, enfatizando seus feitos virtuosos, milagres e impacto espiritual. Este gênero literário é prevalente em muitas tradições religiosas e é utilizado tanto para veneração como para inspiração moral e espiritual dos/as fiéis.

⁸ *Therīpadāna* é uma seção do Cânone Pāli dentro do 'Khuddaka Nikāya' que consiste em histórias inspiradoras e detalhadas sobre as vidas passadas e o caminho para a iluminação de eminentes monjas budistas, as *Therīs*. Este texto visa exaltar suas virtudes e experiências espirituais, oferecendo um modelo de aspiração para a prática budista.

⁹ *Sutta* (em pāli) *sutra* (em sânscrito) refere-se aos discursos, sermões do Buda.

¹⁰ *Dhammacakkapavatanasutta* é o primeiro Sermão do Buda, proferido no Parque do Gamo aos cinco ascetas que o haviam acompanhado em suas buscas quando ele deixa o lar. Este Sermão condensa os pontos principais do budismo, explicando sobre as Quatro Nobres Verdades e o Caminho Óctuplo.

¹¹ O *Āveṇikadukkhasutta* cita cinco sofrimentos que somente as mulheres podem experimentar: casamento precoce, ciclo menstrual, gravidez, parto e, prestar serviços aos homens.

¹² *Samgha* refere-se à comunidade monástica de praticantes budistas que seguem a vida ordenada, incluindo monges (*bhikkhus*), monjas (*bhikkhunis*) e, em algumas tradições, praticantes leigos comprometidos. Historicamente, a *saṃgha* é uma das Três Joias do Budismo, servindo como suporte para o desenvolvimento espiritual e preservação dos ensinamentos budistas.

¹³ *Gotama*, uma das formas de se referir ao Buda.

¹⁴ *Buddhacarita*, ou 'Atos do Buda', é um épico em sânscrito escrito pelo poeta *Asvaghosa* no século II. Esta obra poética narra a vida do Buda desde seu nascimento até a obtenção da iluminação e os primeiros anos de seu ministério, combinando elementos históricos com interpretações míticas e devocionais

¹⁵ *Āsvaghoṣa* foi um poeta e filósofo budista do século II d.C., conhecido como um dos maiores literatos da Índia antiga. Ele é mais célebre por suas obras '*Buddhacarita*' e '*Saundarananda*', que não apenas narram a vida e os ensinamentos do Buda, mas também exploram a condição humana e a busca pelo desenvolvimento espiritual.

¹⁶ *Arahat* é a palavra pāli que significa um/a realizado/a, a palavra sânscrita equivalente é *Arhat*.

¹⁷ *Bhimrao Ramji Ambedkar* (1891-1956), comumente conhecido como Dr. B.R. Ambedkar, foi um jurista, economista e reformador social indiano. Destacou-se como o principal arquiteto da Constituição da Índia e como líder dos direitos dos Dalits, a casta anteriormente denominada 'intocáveis'. Ambedkar também foi um crítico ferrenho das desigualdades sociais e um proponente do Budismo, convertendo-se e iniciando uma massiva conversão de Dalits ao Budismo em 1956.

¹⁸ *Parivrājā*, no contexto do antigo sistema religioso indiano, refere-se a um asceta errante que renunciou a todas as posses bilaterais e laços sociais para buscar a libertação espiritual. Esses ascetas vagam sem um lar fixo, praticando disciplinas espirituais rigorosas e buscando a verdade última através da meditação e da introspecção.

¹⁹ *Soni Wadhwa* é uma acadêmica que contribui com pesquisas nas áreas de crítica literária feminista e teologia feminista. Seu trabalho enfatiza a interseção desses campos com a

literatura hagiográfica, buscando uma nova visão sobre figuras históricas femininas através de uma perspectiva feminista moderna.

²⁰ No original *Mahiddhikā mahāpaññā, / sambuddham upasaṅkami; / Sambuddham abhivādetvā, / satthuno cakkalakkhaṇe; / Nisinnā ekamantamhi, / idam vacanamabravi.*

²¹ No original “*Aṭṭhasattativassāham, / pacchimo vattate vayo; / Pabbhāramhi anuppattā, / ārocemi mahāmuni*”.

²² No original: “*Paripakko vayo mayham, / parittam mama jīvitam; / Pahāya vo gamissāmi, / katam me saraṇamattano.*”

²³ No original “*Vayamhi pacchime kāle, / maraṇam uparuddhati; / Ajarattim mahāvīra, / pāpuṇissāmi nibbutim.*”

²⁴ No original: “*Natthi jāti jarā byādhi, / maraṇaṅca mahāmune; / Ajarāmarāṇam puram, / gamissāmi asaṅkhataṃ.*”